

“Vou pintar o terror!”: “Pois bem, veja então isso!”*1

Paula Cristina Monteiro de Barros*2

Nanette Zmeri Freij*3

Maria de Fátima Vilar de Melo*4

A errância do adolescente em situação de rua reflete uma segregação social perversa, marcada pela destituição simbólica e pela mutilação social. Em meio ao despedaçamento e ao desamparo, um adolescente enuncia e ameaça: “Vou pintar o terror!”. Uma violência que ora se apresenta como um reflexo do organismo ora ancora-se num esboço de discurso endereçado ao Outro, numa tentativa de inscrição. Partimos de uma experiência clínico-institucional (Olinda, PE) e propomos situar, na radicalidade da violência, uma tentativa de enodamento entre o ato e o apelo ao Outro.

Palavras-chave: Adolescente em situação de rua, errância, endereçamento, ato

*1 Este trabalho é um recorte da tese de doutorado de Paula Cristina Monteiro de Barros, do Laboratório de Psicopatologia Fundamental e Psicanálise, da Universidade Católica de Pernambuco, e foi apresentado no Colóquio Internacional sobre Metapsicologia da Perversão. Usos Sociais da Perversão, realizado no período de 26 a 28 de agosto de 2013, na Universidade Católica de Pernambuco, em parceria com a Université Catholique de l’Ouest, Angers, França.

*2 Universidade Católica de Pernambuco – Unicap (Recife, PE, Br).

*3 Universidade Católica de Pernambuco – Unicap (Recife, PE, Br).

*4 Universidade Católica de Pernambuco – Unicap (Recife, PE, Br).

O adolescente em situação de rua vagueia pelos espaços públicos numa trajetória que denuncia a mutilação social e a destituição simbólica de um lugar de abjeto e de “assujeito” na sociedade, face a um laço social perverso marcado pela segregação. No ambiente da rua, o espaço subjetivo é solapado por um cenário constituído em meio ao despedaçamento, ao desamparo, à violência. Uma violência sofrida, reproduzida e atualizada por meio da qual o adolescente ora se destrói, ora destitui o outro, ora convoca e busca instituir o Outro, como observamos na escrita de um adolescente que diz ser “O matador”, mas assina “O matado”.

É nesse sentido que escutamos relatos e presenciamos o que é dado a ver pelos adolescentes em cujas trajetórias enredam-se a violência e a exclusão social. Na família, um adolescente começa a ir para a rua após presenciar o assassinato de seu pai pelo seu atual padrasto; um outro faz referência à mãe que o abandonou — “Imagina, tua mãe te chamar de filho do diabo e mandar tu ir embora” — e, à iminência da morte de seu pai — “Quando ele morrer, eu viro a cabeça de vez. Vou matar, matar, matar, até morrer, porque é isso o que eu quero”.

Na rua, as cicatrizes de um corpo marcado pelos espancamentos e pela indiferença, pelo uso de drogas, pela exploração sexual, pelo imperativo de sobrevivência — “Se me ameaçam, eu tenho que matar, porque um vai ter que morrer” — atestam uma violência aniquiladora e a crueza com a qual um jovem esfaqueia outro e obriga os adolescentes a lamberem a faca com o sangue da vítima.

Na instituição, a tentativa de nela reproduzir as leis da rua, as transgressões e a destrutividade constantes compõem um movimento que, por um lado, apresenta uma violência crua, descarregada no ato, lançada ao

inominável, que revela, no que constitui o reflexo de um organismo, algo da ordem de uma estagnação, em que o sujeito parece desaparecer. Por outro lado, fazemos a leitura e a aposta de que o ato, muitas vezes, ancora-se em um esboço de discurso do sujeito, que parece pedir passagem para um lugar Outro. Trata-se, nesse caso, de uma violência endereçada ao Outro, de uma tentativa de inscrição por meio da qual o ato violento emerge como uma maneira desenfreada em que o sujeito insiste em existir para o Outro. Consideramos ser desse lugar que um adolescente, à espera de entrar na instituição, ameaça: “Quando entrar aí, vou pintar o terror!”, construção que, ao operar uma hiância entre o enunciado e o ato, invoca o Outro, seja para que o impeça de fazê-lo, seja para convidá-lo a atestar o terror que irá pintar.

Partimos de uma experiência clínico-institucional com adolescentes em situação de rua (Olinda, PE) e pretendemos, ao interrogar a violência e o terror como efeitos próprios à perversão, situar, no terror que o adolescente pinta e no qual ele é igualmente pintado, uma tentativa de enodamento, na crueza da violência, entre o ato, a convocação e o apelo ao Outro.

Essa construção terá como eixo teórico contribuições de Freud e Lacan acerca da constituição subjetiva, na articulação com proposições igualmente psicanalíticas no que tange à exclusão social, à violência, à errância, à passagem ao ato, na tentativa de nesse diálogo apreender, na realidade dos adolescentes em situação de rua, o que se esboça em termos de uma inscrição do sujeito.

606

Na exclusão social, o lugar da palavra e o recurso à violência

O adolescente em situação de rua deflagra desde situações vividas no âmbito familiar, o que põe em evidência a singularidade de cada caso, a história de cada dinâmica familiar, a questões que circunscrevem os “meninos de rua” numa problemática social, o que implica e aponta uma conjuntura econômica, histórica, política e social, configurando o que destacamos em termos de uma mutilação social e de uma destituição simbólica desses adolescentes.

Na leitura que Lebrun (2010) faz acerca do laço social, no que denomina tratar-se de uma sociedade toda não fálica, ele propõe pensar em termos de uma “perversão comum” (Lebrun, 2008a), de um “mal-estar na subjetivação” (Lebrun, 2010), em que o sujeito é capturado num “entodamento”, num “todos” completo que recusa o lugar de exceção, repercutindo nas formas de violência. Na medida em que o lugar de exceção vetoriza para si a violência, obrigando-a a se transformar em outra coisa, no entodamento, deparamo-nos com uma violência que busca seu interlocutor e, por não encontrá-lo, dirige-se a todo mundo e para o próprio sujeito,

o que demarca uma violência contra a ausência de lugar onde inscrever sua singularidade (Lebrun, 2008a, p. 43).

Para o autor, “o fato de que se reconheça ou não seu lugar de exceção determinará, com efeito, o modo como a exclusão se organiza no social” (Lebrun, 2010, p. 54). Ao se prescindir do lugar de exceção, engendra-se uma exclusão mortífera, no sentido de uma desfiliação dessimbolizante, destruidora da metáfora subjetiva, posto que o sujeito excluído está à margem do simbólico social e, portanto, sua exclusão é portadora do real da morte. Privado da proteção das leis da cidade, o sujeito excluído tornou-se como que estrangeiro ao campo da sociedade humana fundada na interdição do assassinato e do incesto, não encontrando o suporte para assumir as “renúncias necessárias para se humanizar” (p. 61).

Nesses termos, Douville (2012) considera a exclusão social uma “desumanização da vida cotidiana”, um rebaixamento da condição pulsional do sujeito humano, um tempo privado de alteridade que implica, igualmente, a exclusão de um corpo de significantes e de elementos das cenas originárias, sob o risco, para o sujeito excluído, de se confrontar com um corpo estrangeiro. “O excluído é aquele que cruzou uma linha, um limiar, uma passagem, que efetuou um cruzamento em que ele se ausenta do laço social e da fraternidade do discurso” (p. 10).

Trata-se de um desamparo social, de uma violência simbólica, conforme sugere Bourdieu (citado por Rosa, 2004, p. 148), que submete o sujeito a uma produção discursiva perversa e lhe atribui lugares marginais, expondo-o ao traumático e a efeitos de dessubjetivação, o que acarreta, para Rosa (2004), o emudecimento do sujeito, o que nos permite problematizar, diante da exclusão de um corpo de significantes e do que se apresenta em termos de uma inconsistência do Outro, o lugar da palavra e o recurso à violência. “Onde a palavra se desfaz, começa a violência”, diz-nos Lacan (citado por Lebrun, 2008b, p. 137).

Na referência ao esquema óptico, Lacan (1981) destaca que “É a palavra, a função simbólica que define o maior ou menor grau de perfeição, de completude, de aproximação, do imaginário” (p. 165), de modo que a destituição simbólica confronta o sujeito com “as coisas no seu estado real, inteiramente nu” (p. 97), o que nos remete ao confronto da criança com um real não simbolizado nem imaginarizado, de que falam Bergès e Balbo (2002). Para os autores, a apropriação de um corpo simbólico pela criança dá-se a partir das hipóteses que a mãe constrói, como num golpe de força, por meio do afeto. A impossibilidade da construção de hipóteses faz obstáculo à inscrição significativa de um corpo simbólico, de modo que a criança cai tanto do corpo como do discurso da mãe, a qual determina em seu filho uma repetição daquilo que faz Real para ela, no que tange, por exemplo, a uma indiferenciação na reprodução da violência e aos efeitos perversos da exclusão social.

Freud (1920/1996) destaca que um organismo vivo não sobreviveria caso não dispusesse de um “escudo protetor contra os estímulos” (p. 38) e descreve como

“traumáticas” as excitações que o invadem. “Um acontecimento como um trauma externo está destinado a provocar um distúrbio em grande escala no funcionamento da energia do organismo e a colocar em movimento todas as medidas defensivas possíveis” (p. 40). Frente à violência do trauma, o organismo reagirá de maneira reflexa, “sem a intervenção do aparelho mental”, posto tratar-se de uma força que invade de forma disruptiva, deixando o sujeito sob efeito de uma descarga, de um golpe inesperado (Bergès e Balbo, 2002), sem espaço para qualquer elaboração psíquica.

608

Recorremos, nesse sentido, à formulação de Frej (2003), a partir da leitura de Freud sobre a circulação de energia no organismo. A autora coloca em realce a importância do registro econômico. Seguindo a trilha realizada por Freud (1895/1996), no “Projeto para uma psicologia científica”, sua formulação acompanha os tipos de movimentos utilizados pelo organismo quando atingido pelo aumento de quantidade de excitação. Parte do princípio de inércia, princípio fundamental que compreende o conjunto do funcionamento dos neurônios que, por sua vez, tem a tendência a se desembaraçar das quantidades. Para alcançar sua finalidade, o movimento mais elementar que comporta uma resposta imediata, e sem mediação no sentido de descarga do excesso de estimulação, constitui o movimento reflexo. Em um estágio mais avançado, para evitar que o princípio de inércia seja perturbado, o organismo serve-se da fuga dos estímulos que, vindos de fora, podem alcançá-lo. O equilíbrio visado pelo princípio de inércia é ameaçado pelo aumento da complexidade do organismo. Os estímulos provenientes do interior do corpo provocam as grandes necessidades: a fome, a respiração e a sexualidade, pressionando em direção à descarga. Como o indivíduo está submetido à *urgência da vida*, diante da impossibilidade da descarga e da fuga dos estímulos endógenos, ele deve realizar um esforço, ele deve renunciar à tendência à inércia e deve suportar a armazenagem das quantidades para poder efetuar a ação específica que ponha um limite no aumento da excitação. Frej (2003) afirma que a ação específica em questão só poderá ser realizada com a intervenção de uma ajuda estrangeira (*fremdeHilfe*), condição de realização da ação específica. Assim, é por intermédio de uma ajuda estrangeira (*fremdeHilfe*) que “o organismo é inscrito na condição de ser humano” (Frej, 2007), o que abre o campo para a apreensão de um corpo simbólico, para a legitimação e reconhecimento do sujeito da enunciação.

Na leitura que fazemos da realidade dos adolescentes em situação de rua, consideramos que, face à privação do simbólico, esses adolescentes caem do discurso e do corpo social, o que acarreta a sua expulsão em seu estado mais bruto. É desse modo que, em dados momentos, na ausência de uma palavra que dê sustentação à inscrição de um corpo simbólico, de um corpo que sirva de escudo protetor, o ato reflexo parece, muitas vezes, nortear a ação desses adolescentes como resposta à intensidade com a qual os estímulos e a violência invadem os seus organismos.

É nesse sentido que situamos a errância do adolescente em situação de rua, fadado a uma trajetória em que prevalecem o ato, a transgressão, o delito, a violência, a destruição de si e do outro.

A errância entre o “terror” da violência e a mostração ao Outro

De acordo com Douville (2002), a errância, longe de constituir um sintoma a decifrar, “deve, antes, ser situada como uma falta de inscrição e, mais especificamente ainda, como a impossibilidade do sujeito para superar uma falta de inscrição que concerne a seu ser e também à sua filiação” (p. 77).

Para o autor, a rua não constitui obrigatoriamente uma entrada, uma passagem, ela pode ser vivida como um abismo catastrófico, um espaço topológico confuso, sem limite. Para além do familiar, trata-se do não-território, onde se vive numa ausência total de segurança e de amor. “A rua torna-se então não um entre dois lugares, mas um puro ‘entre’ que não liga nada, o ponto mais radical do lugar em si mesmo...” (p. 46). Um “lugar sem lugar”, sugere Douville (2008, p. 21). Um lugar, portanto, sem delimitações, sem história, sem origem, sem destino, que é ratificado pela expressão “meninos de rua”, um lugar estático que aponta para uma “fixidez da cadeia significante” (Laznik, 1989, p. 54), que não lhes permite o “encadeamento simbólico” que seu deslocamento parece, muitas vezes, buscar.

Para Douville (2012), um dos efeitos da errância desses adolescentes que se apresentam, em meio ao dilaceramento, “espalhados”, conforme sugere uma educadora social, é a intensidade do encontro com o que é da ordem do impossível a traduzir e a simbolizar, o que conduz o adolescente, por meio dos atos, a compensar as falhas imaginárias para que possa se sentir real.

Por meio do ato violento, o adolescente busca na realidade o bastão que, se não desqualificado na ordem do discurso, serviria de representante fálico consistente. Trata-se, para Lesourd (2001), de um apelo ao bastão da ordem social, ao interdito; um apelo ao simbólico, ao Outro e, por intermédio dele, à inscrição significante. Destacamos, nesse sentido, a forma com que alguns adolescentes se referem ao cumprimento de medida socioeducativa, quando afirmam: “É bom comer do Estado!”, o qual, a nosso ver, diante de sua omissão e de seus fracassos, é convocado, nem que seja em decorrência de uma violência atuada pelos adolescentes, a alimentá-los.

Para Douville (2008), na exclusão, os sujeitos em perigo psíquico perderam o sentido, a integridade e a coesão de seus corpos, o que aponta para uma dessubjetivação e destituição do investimento libidinal de um corpo marcado pela insensibilidade de certas zonas erógenas, por uma fragilização, fragmentação e degradação

progressiva do relacionamento do sujeito com o espaço, o corpo e a linguagem. Chama-nos a atenção, dessa forma, nas marcas corporais desses adolescentes, a crueza com que as cravam em seus corpos, invadindo-os — queimam, rasgam e furam a própria pele — num movimento de escrever no real do corpo um traço que, na ausência de um Outro que o legitime, possa, ele mesmo, inscrevê-los, servindo de ponto de apoio para o psiquismo.

Forget (2008a) ressalta que o adolescente que foi privado do recurso à palavra, por meio de suas atuações, espera e solicita o Outro como um endereço simbólico confiável, “(...) para aprender a se familiarizar com suas próprias marcas, e para estruturar sua palavra” (p. 184). Estruturar sua palavra implica, como Lacan (1999) refere no grafo do desejo, que aquele a quem o sujeito se endereça seja instituído enquanto Outro que é invocado, com a “consumação da mensagem” (p. 95), a legitimar e a reconhecer no grito do organismo um apelo do sujeito, fazendo daí advir a demanda e o desejo.

Na medida em que ao “grito de socorro” do adolescente não é feita a leitura de um apelo, mesmo que ainda não falado, o ato violento toma relevo e persiste no entrelaçamento entre aquilo que o adolescente coloca em cena, por não poder dizer, e o fracasso ou a recusa do interlocutor em se constituir enquanto endereço simbólico possível, lançando ao vazio qualquer possibilidade de endereçamento. Tratar-se-ia, para Lebrun (2008b), “(...) de uma violência que não nasceria de um enfrentamento, mas que resultaria da tentativa de evitar ou mesmo da impossibilidade de uma verdadeira confrontação” (p. 137).

Nesse caso, o adolescente encontra-se sob um grande risco psíquico de bascular para uma passagem ao ato, ejetando-se de um lugar que para ele é tornado insuportável (Forget, 2008b, p. 11). Na passagem ao ato, diz-nos Lacan (2005), “o sujeito se encaminha para se evadir da cena” (p. 130), precipitando-se numa fuga, numa partida errante para o mundo puro.

Se, por um lado, a uma primeira leitura, atrelamos essa partida errante para o mundo puro ao movimento dos “meninos de rua”, o que decerto permeia a trajetória de muitos deles, face à morte simbólica e à destituição subjetiva de que falamos anteriormente, há, por outro lado, algo que faz insurgir e ancorar a vida e que aponta para uma busca pelo Outro, por exemplo, ao endereçarem-se à instituição ou ao enunciarem, tomados por um ódio intenso, que vão “cobrar vacilo” — expressão que quer dizer que o sujeito faz com que o outro lhe pague uma dívida, geralmente, utilizada quando algum adolescente transgredir uma regra na rua. De quem o sujeito cobra, de fato, essa dívida?

Trata-se, a nosso ver, de uma tentativa do adolescente para incluir-se e inscrever-se na cena que atua, naquilo que, em sendo mostrado ao Outro, invoca-o no apelo por uma continência, por uma decifração. Nesse sentido, Forget (2008b)

considera que a violência do adolescente oferece-se como uma mostração a um olhar que seja testemunha de uma falta de referência simbólica, de uma colocação em ato da palavra que, por intermédio do olhar, possa tornar possível o discurso.

É desse modo que escutamos a ameaça de um adolescente que intituiu este trabalho. Ao enunciar “vou pintar o terror”, o adolescente convoca uma testemunha a presenciar aquilo que é dado a ver, o terror que ele pinta.

Em *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Lacan (1964/1985) destaca a “preexistência, ao visto, de um dado-a-ver” (p. 75), um “dar-a-ver” em que se marca a primitividade do olhar. Refere-se à pintura e questiona de que se trata “... quando um sujeito humano se engaja em fazer um quadro, em obrar essa coisa que tem por centro o olhar” (p. 98). Para alguns, diz Lacan, a pintura se distingue das outras artes, na medida em que na obra o artista, enquanto sujeito, enquanto olhar, pretende a nós se impor. Em contrapartida, outros valorizam o produto da arte enquanto objeto.

O pintor, àquele que deverá estar diante do seu quadro, oferece algo que em toda uma parte, pelo menos, da pintura, poderia resumir-se assim — *Queres olhar? Pois bem, veja então isso!* Ele oferece algo como pastagem para o olho, mas convida aquele a quem o quadro é apresentado a depor ali seu olhar, como se depõem as armas. (p. 99)

Ao referir-se ao engajamento do sujeito em fazer um quadro, em “obrar essa coisa que tem por centro o olhar”, reportamo-nos a uma cena em que dois adolescentes, após transgredirem algumas regras na instituição, o que resultou numa intervenção policial, aguardam os policiais na instituição e, quando eles chegam, pulam o muro para um terreno baldio, onde, na frente de todos, tiram a roupa, fazem cocô e saem correndo a desdenhar daqueles que testemunharam a cena. Destacamos que “obrar”, em português, de acordo com o Dicionário Michaelis, implica fazer, construir, fabricar, tramar, agir, mas também evacuar, defecar. “*Queres olhar? Pois bem, veja então isso!*”

611

“... um dia, alguém não vai jogar fora”. Considerações finais

Diante da violência de uma sociedade que os exclui, da violência sofrida em casa — muitas vezes como efeito da própria exclusão social —, da violência sofrida e atualizada na rua, deparamo-nos com sujeitos que, na invisibilidade perversa que os destitui da palavra humana, pintam o terror, muitos deles do lugar de sujeito que, assim como o artista, pretende se impor àquele que pode constituir um endereço simbólico para imprimir nele suas marcas e estruturar sua palavra.

Desse modo, consideramos que a instituição pode fazer um eixo que sustenta o endereçamento, ao instituir-se enquanto Outro que nomeia e faz continência,

permitindo, no deslizamento daquilo que a princípio era apenas ato para a instituição da palavra, a escrita e a inscrição do sujeito.

Finalizamos com o que, na cena produzida por um adolescente naquilo que nos é dado a ver, testemunha uma errância perpassada, em meio à violência e à exclusão social, por uma espera e uma aposta. Após jogar pedras contra a instituição, ele faz um desenho e comenta: “Eu faço esse desenho e dou a quem passa na rua. Quando olho pra trás, eles jogam na lata de lixo. Mas eu vou continuar fazendo porque um dia, alguém não vai jogar fora”. Uma espera por alguém que, a despeito da crueza e do real da rua e de um corpo continuamente invadido, não mais os jogue — ele e o desenho — na lata de lixo.

Agradecimentos: Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pelo apoio financeiro (Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior – PDSE) na realização desta pesquisa.

Referências

612

- Bergès, J. & Balbo, G. (2002). *Jogo de posições da mãe e da criança. Ensaio sobre o transitivismo*. Porto Alegre: CMC Editora.
- Douville, O. (2002, dezembro). Fundações subjetivas dos lugares na adolescência. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, Clínica da Adolescência*, 23, 76-89.
- Douville, O. (2008). *De l'adolescence errante. Variations sur les non-lieux de nos modernités*. Nantes: Pleins Feux.
- Douville, O. (Coord.) (2012). *Clinique psychanalytique de l'exclusion*. Paris: Dunod.
- Forget, J.M. (2008a). Os sintomas não são mais sintomas. *Congresso Internacional de Psicanálise*, Recife.
- Forget, J.M. (2008b). *Les troubles du comportement: où est l'embrouille?* Toulouse: Érès. Collection Psychanalyse et clinique.
- Frej, N.Z. (2003). *Le don du nom et son empêchement: au sujet des enfants de rue au Brésil*. (Tese de doutorado, não publicada). Université Paris XIII, Paris.
- Frej, N. Z. (2007). Limites, fronteiras e endereçamentos entre mãe e criança. *Projeto de Pesquisa*, Universidade Católica de Pernambuco, Recife.
- Freud, S. (1996a). Projeto para uma psicologia científica. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. IX). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1895).
- Freud, S. (1996b). O instinto e suas vicissitudes. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XIV). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915).

ARTIGOS

- Freud, S. (1996c). Além do princípio de prazer. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XVIII). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920).
- Freud, S. (1996d). Inibições, sintomas e ansiedade. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XX). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1926).
- Lacan, J. (1981). *O seminário. Livro 1. Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1953-1954).
- Lacan, J. (1985). *O seminário. Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1964).
- Lacan, J. (1999). *O seminário. Livro 5. As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1957-1958).
- Lacan, J. (2005). *O seminário. Livro 10. A angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1962-1963).
- Laznik-Penot, M.C. (1989). Seria a criança psicótica “Carta Roubada”? In A.M. Souza, *Psicanálise de crianças. Volume 1 – Interrogações clínico-teóricas*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Lebrun, J.P. (2008a). *A perversão comum. Viver juntos sem outro*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Lebrun, J.P. (2008b). Uma lógica infernal. In J.A.P. Gediel & V.R. Mercer, *Violência, paixão & discursos. O avesso dos silêncios*. Porto Alegre: CMC Editora.
- Lebrun, J.P. (2010). *O mal-estar na subjetivação*. Porto Alegre: CMC Editora.
- Lesourd, S. (2001). Violences réelles de l’adolescence. In R. Gori et al. (Eds.). *Pourquoi la violence des adolescents?* France: Érès.
- Michaelis. *Dicionário de Português Online*. Recuperado em 1 ago.2013 de <<http://michaelis.uol.com.br>>.
- Rosa, M.D. (2004). Escutando vidas secas. In Associação Psicanalítica de Porto Alegre (Org.). *Adolescência: um problema de fronteiras* (pp. 148-161). Porto Alegre: APOA.

613

Resumos

(“I’m gonna show you people!?”: “Just watch this!”)

The vagrancy of adolescents living on the streets reflects perverse social segregation, characterized by symbolic anomie and social mutilation. In the midst of destitution and helplessness, an adolescent may threaten with a statement like: “I’m gonna show you people. Just watch this.” This violence may be presented as the reflex of an organism or be anchored in a discourse that is addressed to the Other, as an effort at inscription. We base our study on clinical and institutional experience (Olinda, PE) and we propose to place, in the radicalness of violence, an attempt to link act and appeal to the Other.

Key words: Adolescents living on the street, vagrancy, addressing, act

(“Je vais peindre la terreur!”: “Eh bien, vois donc ça!”)

L'errance de l'adolescent en situation de rue reflète une ségrégation sociale perverse, marquée par la destitution symbolique et par la mutilation sociale. Étant donné son anéantissement et son délaissement, un adolescent énonce et menace: “Je vais peindre la terreur!” Une forme de violence qui se présente soit comme un reflet de l'organisme, soit ancrée dans un projet de discours adressé à l'Autre, comme tentative d'inscription. Nous prenons comme base une expérience clinique institutionnelle (Olinda, PE) et proposons situer, dans la radicalité de la violence, une tentative de connexion entre l'acte et l'appel à l'Autre.

Mots clés: Adolescent en situation de rue, errance, adressage, acte

(!“Voy a pintar el terror”: !“Vea entonces esto!”)

El errancia del adolescente en la situación de la calle refleja una segregación social perversa, marcado por la destitución simbólica y por la mutilación social. En medio de la ruptura y el desamparo, un adolescente declara y amenaza: “Voy a pintar el terror”. Una violencia que se presenta por un lado como un reflejo del organismo y por otro se ancla en un bosquejo de discurso direccionado al Otro en un intento de inscribirse. Partimos de una experiencia clínica e institucional (Olinda, PE) y proponemos situar en la radicalidad de la violencia, un intento del anudar acto y apelo al Otro.

Palabras clave: Adolescente en la situación de calle, errancia, direccionamiento, acto

(“Ich werde den Terror machen!”: “Also gut, dann schau dir mal dies an!”)

Das oft ziellose Umherstreunen von Straßenkindern ist Zeugnis einer perversen sozialen Segregation, die sich durch symbolischen Entzug und soziale Verstümmelung ausdrückt. Inmitten von Zerstückelung und Hilflosigkeit drückt ein Jugendlicher das so aus und droht: „Ich werde den Terror machen!”. Eine Gewalt, die sich mal als Reflex des Organismus äußert, und mal im Entwurf eines Diskurses verankert, der auf den Anderen ausgerichtet ist, als Versuch ein Zeichen zu hinterlassen. Wir gehen vom Beispiel einer institutionellen klinischen Erfahrung aus (Olinda, Pernambuco) und werden im Lichte der Radikalität der Gewalt versuchen, eine Verknotung von Akt und Apell an den Anderen herzustellen.

Schlüsselwörter: Straßenkinder, umherstreunen, einen Wohnsitz haben, Akt

Citação/Citation: Barros, P.C.M. de; Frej, N.Z.; Melo, M. de F.V. de (2014, setembro). “Vou pintar o terror!”: “Pois bem, veja então isso!”. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 17(3-Suppl.), 604-615.

ARTIGOS

Editor do artigo/Editor: Prof. Dr. Manoel Tosta Berlinck

Recebido/Received: 14.3.2014/ 3.14.2014 **Aceito/Accepted:** 8.5.2014 / 5.8.2014

Copyright: © 2009 Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental/ University Association for Research in Fundamental Psychopathology. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados / This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original author and source are credited.

Financiamento/Funding: Pesquisa financiada pela Capes – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Brasília, DF, Br) / The research was funded by Capes – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Brasília, DF, Br).

Conflito de interesses/Conflict of interest: As autoras declaram que não há conflito de interesses / The authors have no conflict of interest to declare.

615

PAULA CRISTINA MONTEIRO DE BARROS

Psicóloga Clínica; Doutoranda em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco – Unicap (Recife, PE, Br).

Rua Amaro Coutinho, 531/2501 – Encruzilhada

52041-110 Recife, PE, Br.

e-mail: paulabarrospsi@gmail.com.

NANETTE ZMERI FREJ

Psicanalista; Membro da Associação Lacaniana Internacional – ALI; Professora Pesquisadora do curso de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco – Unicap (Recife, PE, Br).

Rua Mizaél Montenegro, 72/201 – Parnamirim

52060-130 Recife, PE, Br.

e-mail: nzfrej@uol.com.br.

MARIA DE FÁTIMA VILAR DE MELO

Psicóloga; Professora Pesquisadora do curso de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco – Unicap (Recife, PE, Br).

Rua Guilherme Pinto, 50/1001 – Graças

52011-210 Recife, PE, Br.

e-mail: mfvmelo@uol.com.br.